

DIÁLOGOS INTEREPISTÊMICOS: POR UMA TERAPIA OCUPACIONAL DE BASE ALARGADA**Interepistemic dialogue: a expansive base for occupational therapy****Dialogos interepistemicos: por una terapia ocupacional de base ampliada****Samira Lima da Costa**

Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina e Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ
biasam2000@gmail.com

Heliana Castro Alves

Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, UFTM
helianasolar@gmail.com

Atualmente a instituição Universidade se vê diante da necessidade e da possibilidade de elaborar novas perguntas, novos caminhos, novos referenciais. Este é um excelente momento para a Terapia Ocupacional brasileira também interrogar sobre seus saberes e suas práticas, rever sua relação com as terapias ocupacionais do mundo e definir novos horizontes, pautados em nosso lugar de fala. Mas... De que lugar falamos mesmo?

Palavras-chaves: Ecologia social; Interepistemologia; Terapia ocupacional.

Interessa saber as bases históricas da profissão nos diferentes lugares do mundo, mas não aquelas apresentadas, como argumentam Correia e Takeiti¹, como uma história única¹. Interessa, antes, conhecer o caleidoscópio policromático que produz tantas terapias ocupacionais possíveis. E nesse processo, interessa também poder dizer desde o Brasil, o que há por aqui. Que sujeitos, que histórias, que atividades e que ocupações encontram centralidade nas narrativas dos diferentes grupos e etnias que constituem nosso país? Como podemos ouvir tais narrativas, em nossas universidades ainda tão eurocêntricas? Onde ficam os saberes e ocupações tradicionais – sua oralidade, sua espiritualidade, sua perspectiva de integralidade – quando falamos de terapia ocupacional num país tão diverso quanto violento com as diferenças?

Os marcos e as marcas disciplinares da exclusão de tantos saberes em nossa academia ganham eco em nosso curso de formação, ressoam pelos corredores e se repetem em nossos corpos como um sussurro quase imperceptível: a academia se acostumou com o silenciamento epistêmico. Trazer esses saberes que foram historicamente excluídos e atravessados por uma epistemologia eurocentrada para dentro da universidade, portanto, não é escolha fácil. Deixar de fazê-lo, por outro lado, é impraticável. Como afirma Carvalho e Águas², inovar a produção de conhecimento nas ciências sociais na América Latina significa questionar uma atitude cronicamente eurocêntrica que “privilegia os saberes da ciência ocidental moderna e exclui

inteiramente os saberes criados e reproduzidos no interior de milhares de comunidades e grupos étnicos do nosso continente” (Carvalho e Águas, p. 1918)². A universidade brasileira, nascida no período do Brasil Império, espelhada no modelo europeu e estruturada a partir da lógica eurocêntrica moderna de produção do conhecimento, mostra-se limitada (INCTI/UnB/CNPq)³. Essa universidade europeia da qual somos herdeiros, fundada sobre a égide da excelência científica e pautada na perspectiva de restrição do campo de interesse, constituiu com eficiência uma rede interminável de ramificações especialistas, em busca do horizonte intocável: a pureza, a verdade e a certeza.

Seguindo o mesmo trajeto, a profissão Terapia Ocupacional buscou na cientificidade – produtora de verdades dominantes – suas bases de afirmação. Nesta trajetória, foi preciso eliminar impurezas, erros, dúvidas. Foi preciso eliminar a essência da própria produção do conhecimento: o desconhecido. Na sua trajetória elitista, a universidade cumpriu o papel de enraizamento do imaginário colonial, excluindo de seus bancos e de suas produções povos e saberes tradicionais. Um dos principais redutos de segurança desta universidade em suas funções de produção de conhecimento é a palavra escrita, preferencialmente desencarnada daquele que a escreve – um processo grafocêntrico. Isso não elimina a oralidade; ao contrário, submete o universo da oralidade ao da escrita, colocando-a em sua órbita.

Se a oralidade está excluída ou subalternizada à escrita, da mesma forma – ou mais ainda – as narrativas do corpo se encontram entre os proscritos da universidade, assim como a experiência espiritual. A ordenação do espiritual pelo racional, da experiência pelo pensamento, do pensamento pela palavra falada, da oralidade pela letra escrita, da grafia à estruturação do pensamento monofocado, ao mesmo tempo em que parece sistematizar e universalizar códigos e conhecimentos, também elimina do rol desses mesmos conhecimentos qualquer coisa que esteja fora do contorno estrito do campo científico, do desenho da letra greco-romana, do ideário retilíneo da frase, da margem restrita da página (*o pagus*).

Contra esse processo de hierarquização do conhecimento entre os campos espiritual e racional, Santos⁴ propõe a noção de *circularidade*, uma concepção contracolonial dos modos de relação, definida a partir da cosmologia por ele chamada de afropindorâmica – ou seja, aquela advinda de povos com experiência de aldeia, originários das Américas e das Áfricas. Sua proposição define a circularidade como uma perspectiva de confluência entre corpo, fala, pensamento e espiritualidade, ao mesmo tempo em que organiza em condição circular os diferentes saberes e oportuniza igual acesso também aos que não sabem. Assim, pela concepção de circularidade este autor sugere escapar do sentido linear do tempo cronológico. Em seu estudo, recupera momentos e modos de construção da história que foram

repetidamente desqualificando os saberes tradicionais dos povos originários das Américas e das Áfricas, num esforço de eliminação, assimilação e/ou diluição de corpos, crenças, culturas e saberes.

Ao compreendermos o processo de produção do conhecimento como um fazer significativo dentro da instituição tradicional que é a universidade, não devemos ignorar as bases culturais, históricas e epistêmicas que regem este fazer. As armadilhas institucionais impostas pela colonialidade do saber - enquanto lugar de enunciação do poder eurocentrado⁵ - nos faz levar em consideração que o conhecimento deve ser sempre historicamente situado e solidamente questionado nas suas bases regionais, observando-se, ao mesmo tempo, o maestro que rege a orquestra, e a partitura da canção. A desconstrução do imaginário colonial e da colonialidade do poder que ainda habitam silenciosamente as instituições de ensino no nosso país, só pode ser iniciada se não lançarmos mão do espírito investigativo que questiona os processos históricos que consolidaram nossas práticas acadêmicas por ora ainda engessadas numa epistemologia excludente que não dialoga com outras formas de fazer-saber, fazer-conhecer e fazer-descobrir. Na mesma lógica, o investimento intelectual na introdução da epistemologia do sul e na desconstrução da colonialidade do saber de dentro da universidade, possibilita a emergência de povos e conhecimentos marcados historicamente pelo racismo institucional. Como nos propõem Cruz⁶, nos deparamos com o desafio de descolonizar a própria universidade, o que significa inventar novas metodologias de investigação, bem como trabalhar com novas formas de linguagem e comunicação, permitindo o diálogo entre distintos saberes e matrizes de racionalidades.

A busca por uma outra universidade nos coloca diante da questão: que outra formação em terapia ocupacional seria possível, se tomássemos como referência o que até então temos deixado de fora? O que buscamos não é a eliminação do que temos feito até agora, ou sua substituição por outros modos de pensar e produzir conhecimento. Antes, propomos um diálogo interepistêmico, como sugerido por Carvalho e Águas² ou ainda ao que Walsh⁷ denomina de *pluri-versatilidad epistemológica* – a introdução de cosmovisões distintas da ocidental que façam resistência aos padrões de subalternização de subjetividades e saberes. A saída não seria, portanto, negar a escrita ou o cientificismo, ou o referencial do hemisfério norte – europeu e norte americano. A ideia seria de colocar em jogo saberes outros, tupiniquins e afropindorâmicos⁴, em diálogo equânime com os demais. Subverter o sentido conservador que a profissão adquiriu, colocando-a a serviço desse projeto que inclui e compõe diferentes cosmovisões e epistemologias, silenciadas ou transformadas em sussurros,

ao longo de séculos de continuada colonização. Neste sentido, devemos pensar uma terapia ocupacional comprometida na atividade de desconstrução da colonialidade do saber no processo de formação profissional e de formação de pesquisadores. A integração entre ensino-pesquisa-extensão deve expressar os novos marcos epistemológicos que incorporem e coloquem em negociação e tradução os conhecimentos acadêmicos e aqueles oriundos de comunidades e povos que foram historicamente arrastados para as margens e periferias (Walsh, *apud* Pereira)⁷. Diante de nós se apresentam questões que denunciam o contínuo silenciamento, desvalorização e invisibilização de povos, culturas e vozes, nos processos de produção de conhecimento. Que epistemologias se produziram dessa imposição de forças, e quais foram sumariamente excluídas? E entre esses dois extremos, que outras tantas epistemologias seguiram e seguem se constituindo, se mantendo e se aperfeiçoando em seus modos de produzir conhecimento e modos de andar a vida? Que conhecimentos se produzem a partir de cosmologias nas quais a letra escrita não eliminou a oralidade; a oralidade não eliminou a experiência do corpo; a experiência do corpo não diverge da experiência do espírito?

E é nesse sentido que podemos direcionar nossos olhares, buscando horizontes alargados, criativos e inventivos. A terapia ocupacional, assim como seu campo privilegiado de formação - a universidade -, ao mesmo tempo em que segue forte com o modelo clássico de pensamento, sabe de sua insuficiência. E ao mesmo tempo em que teme as mudanças, muda, inventa e cria. Não como força motriz ou hegemônica, mas como contra-força, resistência – ou, na perspectiva político-poética de Violeta Parras, “*como el mosquito en la piedra*”. Olhar para os saberes e as ocupações *antigas e tradicionais*, hoje, é um movimento *novo*, tanto no exercício da profissão como em seus centros de formação. Mas, mais do que inovação, é um ato revolucionário. Esse é um movimento radical, que propõe a produção de conhecimento a partir de diálogos intepistêmicos, como diz Carvalho e Águas². Um giro decolonial, como diriam Castro-Gómez e Grosfoguel⁸; dessubalternização de acordo com Spivak⁹; desobediência epistêmica, segundo Mignolo¹⁰; ou uma guinada subjetiva, de acordo com Sarlo¹¹. Nesse contexto, ainda que sabendo ser a terapia ocupacional uma profissão que guarda ranços de elitismo e saberes impositivos – não nos enganemos...! – podemos afirmar sua potência criativa e inovadora, sua capacidade de sustentar a relevância da atividade significativa para o sujeito, a centralidade da cultura para a produção de participação e pertencimento, a força da identidade para a reinvenção de si. Lembrando Paulo Freire¹², sustentar o espaço do encontro com o outro como campo de diálogo é um ato de amorosidade;

e amar é um ato de coragem. Daí a necessidade de olharmos com coragem – *pero sin perder la ternura...* – para aquilo que de fato somos: esse hibridismo. Esse saber latino, afropindorâmico, europeu, norte-americano. Somos tudo isso. E a ocupação de constitui a partir do que somos.

Referências

1. Correia, RL Akemi, BA. “**Terra a vista! Estamos desviando as rotas!**”. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro, 2017. V.1(2): 120-122.
2. Carvalho, JJAC. Encontro de saberes: um desafio teórico, político e epistemológico. In: Santos, Boaventura de Sousa e Cunha, Teresa (orgs). Acta de **Colóquio Internacional Epistemologias do Sul: aprendizagens globais Sul-Sul, Sul-Norte e Norte-Sul**. V. 1. Jun: 1017-1027. 2015.
3. INCTI/UnB/CNPq. Instituto de Inclusão no ensino Superior e na Pesquisa; Universidade de Brasília/CNPq. Encontro de Saberes: bases para um diálogo interepistêmico. **Documento Institucional**. Brasília: CNPq. 2015.
4. Santos, AB. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. INCTI/CNPq: Brasília, 2015. 150p.
5. Quijano, A. Colonialidad del poder, Eurocentrismo, America Latina. In: Lander, E (ed). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciências sociales. Perspectivas latino-americanas**. Caracas. Clacso, 2000, p. 201-245.
6. Cruz, VC. Geografia e pensamento descolonial: notas sobre um diálogo necessário para a renovação do pensamento crítico. In: Cruz, VC e Oliveira, DA de. **Geografia e Giro Descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. 1ª. Edição. Rio de Janeiro. Letra Capital; 2017, p. 15-36.
7. Walsh, C. Son posibles unas ciências sociales/ culturales otras? Reflexiones em torno a las epistemologias decoloniales. In: **Nomadas**, n. 26; 2007.
8. Castro-Gómez, S. e Grosfoguel, R. (orgs). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar: Bogotá; 2007.
9. Spivak, GC. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa. Belo Horizonte. Ed. UFMG; 2010.
10. Pereira, CF. Racismo, espaço e colonialidade do poder, do saber e do ser: diálogos, trajetórias e horizontes de transformação. In: Cruz, VC e Oliveira, DA de. **Geografia e Giro Descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. 1ª. Edição. Rio de Janeiro. Letra Capital; 2017, p. 132-142.
11. Sarlo, B. **Tempos passados: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte. Cia das Letras, UFMG; 2007.
12. Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**. 5ª ed .São Paulo. Ed Paz e terra; 1987.



Submetido em: 24/10/2017

Aceito em: 28/10/2017

Publicado em: 31/10/2017